

Abraão, justificado pela fé  
e não pelas obras da lei (Gl 3,1-29)

Copyright © José Rodrigues Da Silva Filho e Waldecir Gonzaga , 2024

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,  
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização  
prévia e expressa do autor.

EDITOR

João Baptista Pinto

CAPA

Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO/EDITORIAÇÃO

Luiz Guimarães

REVISÃO

Do Autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

S58a

Silva Filho, José Rodrigues da. e Gonzaga, Waldecir, Abraão justificado pela fé e não pelas obras da lei (Gl 3,1-29) / José Rodrigues da Silva Filho e Waldecir Gonzaga. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024.

224 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-927-6

1. Bíblia. N.T. Epístolas de Paulo - Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia. N.T. Gálatas - Crítica, interpretação, etc. I. Gonzaga, Waldecir. II. Título.

24-87884

CDD: 227.406

CDU: 27-248.4

---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

LETRA CAPITAL EDITORA  
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781  
[www.letracapital.com.br](http://www.letracapital.com.br)

*José Rodrigues da Silva Filho*  
*Waldecir Gonzaga*

Abraão, justificado pela fé  
e não pelas obras da lei (Gl 3,1-29)

LETRAPITAL

Conselho Editorial

*Série Letra Capital Acadêmica*

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)  
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)  
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)  
Claudio Cezar Henriques (UERJ)  
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)  
João Luiz Pereira Domingues (UFF)  
João Medeiros Filho (UCL)  
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)  
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)  
Lina Boff (PUC-Rio)  
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)  
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)  
Michela Rosa di Candia (UFRJ)  
Olavo Luppi Silva (UFABC)  
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)  
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)  
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)  
Robert Segal (UFRJ)  
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)  
Sandro Ornellas (UFBA)  
Sergio Azevedo (UENF)  
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)  
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

# Sumário

Introdução .....	7
<b>2. A Carta aos Gálatas</b> .....	13
2.1 Território da Galácia.....	16
2.2 Destinatários.....	17
2.3 Fundação das comunidades.....	18
2.4 Os opositores.....	22
2.5 A polêmica.....	27
2.6 Estrutura e conteúdo .....	31
2.7 Abraão em Gl 3,1-29 na perspectiva ARBS.....	34
<b>3. Status quaestionis</b> .....	36
3.1 Comentários/Livros.....	36
3.1.1 Martinho Lutero .....	36
3.1.2 Gerhard Schneider.....	38
3.1.3 William Hendriksen .....	40
3.1.4 Merrill C. Tenney .....	43
3.1.5 Donald Guthrie.....	45
3.1.6 Warren W. Wiersbe.....	48
3.1.7 Giuseppe Barbaglio .....	51
3.1.8 Edouard Cothenet.....	52
3.1.9 Giorgio Girardet.....	54
3.1.10 Giovanni Giavini .....	57
3.1.11 William. L. Pettingell .....	60
3.1.12 Udo Borse .....	62
3.1.13 Adolf Pohl .....	65
3.1.14 Gianfranco Ravasi.....	68
3.1.15 Germano Soares .....	70
3.1.16 Joél Antônio Ferreira.....	73
3.1.17 Paulo F. Flor.....	75
3.1.18 Roland Meynet.....	78
3.1.19 Hernandes Dias Lopes .....	81
3.1.20 Zuleica Aparecida Silvano .....	84
3.2 Artigos .....	86
3.2.1 H. Wayne Johnson.....	86
3.2.2 Michael Cranford .....	88
3.2.3 Guillherme Bellitinato.....	89

3.2.4 Waldemar Passini Dalbello .....	91
3.2.5 Jason S. DeRouchie.....	94
3.2.6 A. F. Martins.....	96
3.2.7 Juan Luis Caballero.....	97
3.2.8 Michael Riccardi .....	99
3.2.9 Michael H. Burer.....	101
3.2.10 Joel Antônio Ferreira.....	103
3.2.11 Abiud Fonseca .....	104
3.2.12 Debbie Hunn .....	107
3.2.13 Johan Konings.....	109
3.2.14 J. Andrew Cowan .....	111
3.2.15 Pedro Mendoza Magallón .....	112
3.2.16 Avaliação final.....	114
<b>4. Abraão no Antigo Testamento .....</b>	<b>118</b>
4.1 Aliança, acolhida e a bênção de Abraão .....	125
4.2 Nascimento, sacrifício de Isaac e morte de Abraão.....	132
4.3 A importância de Abraão em Hebron .....	137
<b>5. Abraão no Novo Testamento .....</b>	<b>145</b>
5.1 Abraão no Evangelho de Mateus e Marcos .....	145
5.2 Abraão no escrito lucano .....	152
5.3 Abraão em João 8,33-58 .....	159
5.4 Abraão em Hebreus e em Tiago .....	162
5.5 Abraão em Romanos .....	166
<b>6. Abraão em Gálatas 3,1-29.....</b>	<b>173</b>
6.1 Segmentação e tradução de Gl 3,1-29 .....	173
6.2 Notas de crítica textual da NA <sup>28</sup> para Gl 3,1-29.....	176
6.3 A experiência cristã dos gálatas e a tese de Paulo (Gl 3,1-7) ...	184
6.4 Prova escriturística (Gl 3,8-14) .....	190
6.5 A inab-rogável promessa e a provisoriedade da lei (Gl 3,15-22) ..	196
6.6 Filiação não pela lei, mas pela fé (Gl 3,23-29) .....	202
Conclusão.....	210
Referências bibliográficas.....	216

# Introdução

Esta obra visa compreender a temática da justificação de Abraão pela fé e não pelas obras da lei, presente no texto de Gl 3,1-29. Sabendo que Paulo fundamenta sua teologia da justificação na fé abraâmica, torna-se importante ao nosso estudo a compreensão da vida e da fé deste ilustre patriarca, a quem o apóstolo toma como exemplo de fidelidade e obediência a Deus<sup>1</sup>. Para tanto, verifica-se a base veterotestamentária utilizada por Paulo em seu raciocínio de “judeu convertido ao cristianismo”, especialmente o texto de Gênesis. Ainda, faz-se necessário observar as questões que outros autores neotestamentários levantam sobre o respectivo tema e personagem.

O método escolhido para a construção desta obra é a Análise Retórica Bíblica Semítica. Tendo como meta abordar e compreender a problemática do tema *Gálatas 3,1-29: Abraão, justificado pela fé e não pelas obras da lei*, a obra está estruturada e desenvolvida com uma introdução; cinco capítulos, a saber: 1) A Carta aos Gálatas; 2) *Status quaestionis*; 3) Abraão no Antigo Testamento, 4) Abraão no Novo Testamento; 5) Abraão em Gl 3,1-29; uma conclusão geral e, por fim, as referências bibliográficas.

Na introdução, apresenta-se uma descrição do que é desenvolvido em toda obra, na qual o leitor pode visualizar o percurso temático, que se inicia na discussão sobre a autoria da Carta as Gálatas, chegando até o cerne do tema da justificação, presente no terceiro capítulo.

O primeiro capítulo, “A Carta aos Gálatas”, aborda algumas questões pertinentes à autoria da epístola, ressaltando sobretudo a autoridade apostólica de Paulo, que outorgou a si próprio o direito de escrever a sua epístola e lhes exortar de acordo com o Evangelho a eles pregado. Também nesse capítulo, vê-se que o ministério paulino difere do apostolado dos judaizantes, esses eram enviados sempre com carta de recomendação (2Cor 3,1-3)<sup>2</sup>, enquanto Paulo era constituído apóstolo não da parte dos

<sup>1</sup> Vários estudos têm sido produzidos sobre os vários temas presentes nas cartas paulinas e nas demais cartas do Novo Testamento. Uma boa coletânea e exemplo disso encontra-se em nossas obras, frutos de Grupos de Pesquisa e Cursos de Pós-graduação, entre PUC-Rio e PUC-RS: GONZAGA, W. *et al.*, Fé, justificação e ressurreição nas Epístolas do Novo Testamento (2023); GONZAGA, W. *et al.*, Liberdade, humanidade e graça nas Epístolas do Novo Testamento, (2023); GONZAGA, W. *et al.*, Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento (2023).

<sup>2</sup> COTHENET, E., A Epístola aos Gálatas, p. 16.

homens nem por mediação de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos (Gl 1,1.11).

Além disso, o capítulo esclarece que a Carta aos Gálatas é considerada a mais genuína dentre os escritos de Paulo<sup>3</sup>, ou seja, uma epístola protopaulina<sup>4</sup>, a possível datação da Carta aos Gálatas figura-se em meados dos anos 50 d.C., entre 54 e 57, no apogeu da vida de Paulo<sup>5</sup>. Ademais, sua autenticidade encontra respaldo em grandes figuras da Igreja como Eusébio, que no século IV a colocou na lista dos *homologoúmena*, como também por Marcião, Orígenes, Tertuliano, Clemente de Alexandria, dentre outros<sup>6</sup>.

Convicto de que a graça é superior à lei e às obras, Paulo adverte os gálatas a respeito do fascínio que estavam vivendo e da eminente regressão espiritual, a fim de que eles pudessem superar a objeção do contrassenso<sup>7</sup>, voltando a “Jesus Cristo que foi exposto como o crucificado” (Gl 3,1b). Distinguindo da doutrina dos “falsos irmãos” (Gl 2,4) que pregavam que os filhos de Abraão, a seu exemplo, necessitavam praticar a circuncisão, tornando-se, por meio deste rito herdeiros da promessa abraâmica<sup>8</sup>, Paulo reafirma a verdade, confirmando que a herança se alcança pela fé em Cristo.

No segundo capítulo, “Status quaestionis”, investigamos comentários e artigos exegéticos, a fim de compreender como alguns autores interpretam a perícopes de Gl 3,1-29. Assim, nessa seção, selecionamos autores que abordam a questão da justificação de Abraão pela fé independentemente das obras da lei e suas implicações. Pretende-se, desse modo, analisar trinta e cinco escritos, sendo vinte (20) livros e quinze (15) artigos científicos que discorrem sobre esse importante tema bíblico-teológico.

No terceiro capítulo, “Abraão no Antigo Testamento”, por sua vez, analisamos a pessoa, figura, chamado e missão de Abraão nos capítulos do livro do Gênesis, desde Gn 11,26 até 25,11. O objetivo dessa seção é conferir a hipótese de que Abraão é o primeiro, não só no tempo, mas também na fé, a escutar e obedecer a Deus.

Sendo Abraão o primaz, o fundamento do relacionamento humano com Deus que se revela na história<sup>9</sup>, o legado de Abraão perpassa toda

<sup>3</sup> POHL, A., Carta aos Gálatas, p. 16.

<sup>4</sup> SILVANO, Z. A., Carta de Paulo aos Gálatas, p. 11.

<sup>5</sup> GONZAGA, W., O Corpus Paulinum no Cânon do Novo Testamento, p. 36.

<sup>6</sup> GONZAGA, W., Compêndio do Cânon Bíblico, p. 283-288.

<sup>7</sup> FERREIRA, J. A., Gálatas, p. 23.

<sup>8</sup> SANDERS, E. P., Paulo, a Lei e o Povo Judeu, p. 28.

<sup>9</sup> WASTERMANN, C., O Livro do Gênesis, p. 115.

a TaNaK, em suas três partes: תּוֹרָה (Torah, Lei, Ensino); נְבִיאִים (Neviim, Profetas) e כְּתוּבִים (Escritos). Além disso, vê-se que seu nome se encontra em toda a LXX. Portanto, é possível verificar que seu exemplo de fé e obediência a Deus sempre foi motivo de inspiração e esperança ao povo de Israel.

Além disso, pretende-se investigar como Abraão foi agraciado e confiou na providência divina a ponto de abandonar seu passado, pai, terra e partir guiado pela Palavra de YHWH, por quem na fé e obediência estava disposto a sacrificar o filho da promessa, abrindo com isso mão do futuro, para que Deus fosse sua única segurança, ancorado naquela fé que lhe foi creditada como justiça em Gn 15,6.

Na vida e na iminência da morte, Abraão confiou na promessa de Deus e fixou para sempre na terra prometida a sua descendência, comprando nela seu campo sepulcral. Veremos também qual é a importância de Hebron no desdobramento da história de Israel, de modo especial a dinastia do rei da Davi, a quem Deus prometeu o futuro messiânico. Observaremos, nessa seção, também, se o conceito de esperança messiânica feita a Davi, em seu desdobramento histórico-salvífico, é continuidade da promessa abraâmica que o Messias esperado, na verdade, é o descendente de Abraão.

No quarto capítulo, “Abraão no Novo Testamento”, investigamos como os autores neotestamentários compreendem Jesus Cristo como o possível cumprimento da promessa abraâmica. Mateus, por exemplo, inicia o seu Evangelho afirmando que é “Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mt 1,1). Como tal, Ele pode ser o herdeiro da promessa, o fruto da presença vivificante do Espírito Santo na história da salvação esperada.

O texto de Lc 1,55.73 expressa a fidelidade de Deus que em Cristo cumpriu a promessa a Abraão e aos seus descendentes, de maneira que essa promessa da aliança se torna realidade na encarnação do Filho; então, o plano divino é cantado por Maria que recorda que Deus “socorre Israel, seu servo, lembrando de sua misericórdia” (Lc 1,54) e Deus recorda sua promessa a Abraão (Gn 12,3; 13,15; 22,18). Deste jeito, Lucas destaca que Deus realiza essa aliança em virtude de sua misericórdia para com os descendentes de Abraão<sup>10</sup>. Por isto, Jesus veio para salvar todos quantos o acolhem na fé, fazendo-os filhos de Abraão.

<sup>10</sup> GREEN, J. B., *El Evangelio de Lucas (1-9)*, p. 181.

Na obra lucana, a promessa a Abraão é fundamental (Lc 1,55;73; At 7-5-6). Em At 3,25, Pedro recorda aos israelitas que eles são filhos dos profetas e da aliança que Deus fez com Abraão: “na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra”. Essa promessa se realiza em Cristo Ressuscitado (At 3,26), visto que Jesus é o portador da bênção e o enviado de Deus para cumprir a promessa ao seu amigo Abraão, por isso, para pertencer de verdade a esta aliança, é preciso crer em Cristo<sup>11</sup>. Além disso, veremos nessa seção como a base veterotestamentária serve para testemunhar a fidelidade do Messias morto pelos homens, mas ressuscitado por Deus.

Em Jo 8, a liberdade é mais que pertencer a uma linhagem sanguínea, uma vez que “quem comete o pecado é escravo” (Jo 8,34b). A liberdade espiritual proposta por Jesus está além do rito da lei e de parentesco, ela existe, a exemplo de Abraão, na obediência e aceitação do desígnio de Deus realizado em Cristo<sup>12</sup>. Por isso, Jesus afirma: “se o Filho vos libertar, seres verdadeiramente livres” (Jo 8,36). Por consequência, a alegria de Abraão vem de um outro, que para o autor do quarto Evangelho só pode ser Jesus, o descendente verdadeiro que causa alegria (Jo 8,56).

Sendo preexistente a Abraão, possuindo existência eterna, Jesus é anterior e superior ao patriarca. Logo, não é possível equiparar a pertença à raça de Abraão e a fé em Jesus Cristo, quando, na verdade, o próprio Abraão esperou a vinda de Jesus (Jo 8,56)<sup>13</sup>. Contudo, é importante ressaltar que o evangelista não pretende dizer que os judeus são filhos do diabo (Jo 8,44). No que concerne, João narra o dito de Jesus que “a salvação vem dos judeus” (Jo 4,22), logo o que está em evidência é que não basta ser biologicamente “filho de Abraão”, mas fazer as obras que ele fez, melhor dizendo, crer em Cristo.

A Carta aos Hebreus, por sua vez, enfatiza a superioridade do sacerdócio de Cristo, mostrando a fé e a docilidade de Abraão para com o Cristo preexistente em sua reverência à figura de Melquisedec. Em Hb 11, é exaltada a fé exemplar dos antepassados de Israel, dentre eles Abraão (Hb 11,8-19). Em Tg, a fé de Abraão se comprova na prática de entregar o filho, este ato era a evidência externa da docilidade interior de Abraão de em tudo crer e fazer a vontade de Deus. Na terra de Moriá, a fé de Abraão alcançou a

<sup>11</sup> BOOR, W., *Atos dos Apóstolos*, p. 73.

<sup>12</sup> HENDRIKSEN, G., *El Evangelio segun San Juan*, p. 318.

<sup>13</sup> SKA, J. L., *Abraão e seus Hóspedes*, p. 59.

máxima expressão, pois foi completada com excelência e admiração divina.

Na compreensão de Paulo aos Romanos, Abraão, segundo o critério divino, foi considerado justo simplesmente porque acreditou na promessa, sem que houvesse praticado alguma atitude de justiça humana, circuncisão, obra da lei. A justificação do patriarca consiste em sua fé, olhando para frente, confiando na promessa de que seria pai de todas as nações. Na verdade, a aliança de Deus com o patriarca foi estabelecida na fidelidade do altíssimo que creditou a fé de Abraão como justiça (Gn 15,6), muito antes da lei do Sinai.

No quinto capítulo, “Abraão em Gl 3,1-29”, investigamos a compreensão de Paulo a respeito do patriarca Abraão como modelo de fé, dado que a fé é anterior à lei e proeminente às obras. O apóstolo, em Gl 3,1-29, tem como premissa a justificação pela fé em Cristo, a bênção, a herança divina e o dom do Espírito. Na verdade, os cristãos da Galácia esperavam tudo isso, porém, estavam incertos com relação a qual opção aderir para tal objetivo. Paulo expõe com eloquência e convicção que tudo isso se alcança pela graça e não segundo as obras da carne, mérito humano, circuncisão, mas exclusivamente pela fé em Cristo Jesus.

Por conseguinte, Paulo apresenta a excelsa figura do patriarca Abraão como testemunha de que o homem é justificado pela fé, provando que mediante as obras da lei não há salvação, visto que os que tem fé são abençoados juntamente com o patriarca, que teve fé (Gl 3,9), e não por meio de uma lei vinda quatrocentos e trinta anos depois (Gl 3,17). Na compreensão do apóstolo, Jesus Cristo fez-se maldito ao aceitar morrer na cruz exatamente para libertar a humanidade da maldição desta lei (Gl 3,13; Dt 21,23)<sup>14</sup>, possibilitando, desta forma, a gratuidade divina, libertando da maldição e escravidão, seja da lei para os judeus, seja os gentios dos falsos deuses e elementos do mundo (Gl 4,8-9).

Na compreensão de Paulo, a história da salvação começa com a promessa a Abraão a quem “prevendo a Escritura que pela fé Deus justificaria os gentios, preanunciou esta boa nova” (Gl 3,8). Nesta perspectiva, todos são filhos do patriarca, visto que sua paternidade não se limita à carne, porquanto Abraão é o pai dos que têm fé. A partir de Cristo Jesus, a salvação não se fundamenta na lei, mas na fé, essa é anterior e superior à lei. O homem é justificado e se encontra unido a Cristo pela graça e não segundo as prescrições legais, que excluem e dividem.

<sup>14</sup> SCHLIER, H., *La Carta a los Galatas*, p. 156-158.

A experiência cristã é possível pela fé em Cristo e o batismo torna-se o núcleo da nova humanidade liberta das escravidões e das discriminações. Em Gl 3,1-29, observa-se que todos os que têm fé são membros do corpo de Cristo, juntos constituem uma unidade com o Senhor. Desta forma, os que estão em Cristo são também descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa. Por isto, vê-se que a herança não é segundo a lei, mas pela promessa, ou seja, pela graça de Deus.<sup>15</sup>

Após ter abordado a temática “Abraão, justificado pela fé e não pelas obras da lei”, pautando-se sobretudo pela perícopes de Gl 3,1-29, passando pelos dados gerais da Carta aos Gálatas, ter feito um exaustivo *status quaestionis*, ter analisado presença do Patriarca Abraão no Antigo Testamento e no Novo Testamento, especial atenção foi dada à prova escriturística que Paulo usa em Gl 3,1-29, para indicar que a salvação se dá por pura graça e não por méritos, apresentando Abraão como modelo e exemplo de alguém que foi justificado pela fé e não pelas obras da lei, muito menos pela circuncisão e/ou por rituais de pureza. Visto isso, também são oferecidas todas as referências bibliográficas consultadas para esta obra, o que proporciona conferir a temática e realizar ulteriores estudos e pesquisas.

---

<sup>15</sup> PETTINGILL, W. L., Estudios sobre la Epistola a los Galatas, p. 50.

## 2.

### A Carta aos Gálatas

Desde o início, Paulo deixa transparecer aos gálatas o seu título de apóstolo, e é com essa autoridade que ele escreve a carta. Seu apostolado difere bem do apostolado de seus adversários que, certamente, identificavam-se com características de apóstolos, enviados com carta de recomendação (2Cor 3,1-3).<sup>16</sup>

Diferente disso, Paulo mesmo faz ressoar a superioridade de seu apostolado: “Παῦλος ἀπόστολος οὐκ ἀπ’ ἀνθρώπων οὐδὲ δι’ ἀνθρώπου ἀλλὰ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ καὶ θεοῦ πατρὸς τοῦ ἐγείραντος αὐτὸν ἐκ νεκρῶν/*Paulo, apóstolo não da parte dos homens nem por mediação de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai que o ressuscitou dentre os mortos*” (Gl 1,1.11). Como é possível constatar, ele não prega segundo um critério humano, mas o seu Evangelho é proveniente da revelação de Jesus Cristo e de Deus pai, que ressuscitou Cristo dos mortos, e é nisso que consiste a autoridade de seu anúncio.

Da Carta aos Gálatas, vale ressaltar que antes de lhe ser atribuída qualquer suposição autoral, ela foi relacionada a Paulo por primeiro, visto que, desde o princípio, esse foi o parecer da Igreja, e até hoje esta é a sua convicção. Em suma, as argumentações contrárias à autoria paulina dessa carta acabam fracassando em suas próprias contradições<sup>17</sup>.

Destarte, para que não houvesse dúvida quanto à autoria da Carta aos Gálatas, Paulo fez questão de registrá-la com o seu próprio punho (Gl 6,11-17). O apóstolo “realça as letras”, enfatizando, com isso, a sua autoria<sup>18</sup>. Ainda, ao usar o verbo ὀράω no imperativo aoristo (“vede”), seguido pelo adjetivo interrogativo plural πηλίκους, Paulo assume para si, perante os gálatas, as duras e libertadoras palavras contidas na carta: “Ἴδετε πηλίκους ὑμῶν γράμμασιν ἔγραψα τῇ ἐμῇ χειρὶ/*Vede com que grandes letras vos escrevi*” (Gl 6,11).

Efetivamente, os leitores da carta teriam razão para assimilar o seu conteúdo, visto que o escrito é a autoridade do apóstolo, que não foi enviado com recomendações ou critérios humanos, mas por revelação divina.

<sup>16</sup> COTHENET, E., A Epístola aos Gálatas, p. 16.

<sup>17</sup> HENDRIKSEN, W., Gálatas, p.33

<sup>18</sup> GONZAGA, W., “A Verdade do Evangelho” (Gl 2,5.14) e a Autoridade na Igreja, p. 34.